

---

## O cotidiano da população em situação de rua da cidade de São Paulo: um estudo a partir da Tenda Bela Vista

---

Diego Borges Cordeiro<sup>1</sup>  
João Dantas dos Anjos Neto<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é descrever e analisar o cotidiano de vida da população em situação de rua da cidade de São Paulo, como aqueles visíveis nos *habitus*, que exprimem os gostos e preferências dos indivíduos, bem como as suas necessidades objetivas. As práticas desse segmento social são acompanhadas a partir da observação-participante, através de um dos serviços de atendimento da rede sócio-assistencial da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS), conhecido como Tenda Bela Vista. O pesquisador direciona sua atenção de acordo com os conflitos percebidos no cotidiano da população. Ademais, a proposta aqui é amparada por meio de pesquisas bibliográficas das ciências sociais, dos teóricos que debatem acerca da população em situação de rua como questão social no Brasil.

**Palavras-chave:** População em situação de rua; Cotidiano; Observação-participante; Conflito.

### The daily life of the homeless population in the city of São Paulo: a study based on Tenda Bela Vista

**Abstract:** The objective of this article is to describe and analyze the daily life of the homeless population in the city of São Paulo, such as those visible in *habitus* that express the tastes and preferences of individuals, as well as their objective needs. The practices of this social segment are monitored based on participant observation, through one of the services provided by the social assistance network of the Municipal Secretariat of Assistance and Social Development (SMADS), known as Tenda Bela Vista. The researcher directs his attention according to the conflicts perceived in the population's daily life. In addition, the proposal here is supported by bibliographic research of the social sciences, of theorists who debate about the homeless population as a social issue in Brazil.

**Keywords:** Homeless population; Lifestyle; Participant observation; Conflict.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP. E-mail: [dbc\\_borges@hotmail.com](mailto:dbc_borges@hotmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8329-6438>

<sup>2</sup> Professor Doutor da Universidade Federal de Goiás (UFG). Líder do grupo de pesquisa CNPq: Corpo, Cultura e Consumo. E-mail: [joaodantas@ufg.br](mailto:joaodantas@ufg.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5353-3981>

## Introdução

Esta investigação se desenvolve com base na experiência profissional adquirida pelo autor entre os anos 2012 a 2019, através da rede de serviços de atendimentos socioassistenciais da população adulta em situação de rua, especificamente com a rede da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS) da cidade de São Paulo. Portanto, essa etnografia foi construída a partir da perspectiva do estar em campo, na condição de vinculado à SMADS.

Estar próximo desses atendimentos possibilitou conhecer de perto a população em situação de rua – tornando-se público-alvo deste trabalho –, reconhecendo-se como um segmento social complexo e heterogêneo em suas características e composições. Assim, conclui-se que é uma população que se integra com pessoas de várias idades e que se compõem enquanto: famílias, homens e mulheres sem filhos ou acompanhadas com crianças e adolescentes, mulheres gestantes, egressos do sistema prisional, imigrantes e migrantes de outros estados do país, pessoas com deficiência (PcD), segmento LGBTQI+, usuários e dependentes químicos, pessoas com a saúde mental comprometida e com diferentes níveis de escolaridade<sup>3</sup>.

Além de poder identificar as características deste público, também se tornou possível (re)conhecer suas demandas diárias, bem como o atendimento socioassistencial da SMADS. É importante saber que essa Secretaria representa uma Política Pública de Assistência Social e abrange também públicos que são considerados em situação de vulnerabilidade<sup>4</sup>, sendo que seus atendimentos se estruturam e se direcionam por meio de portarias próprias<sup>5</sup>, leis municipais, estaduais e federais.

---

<sup>3</sup> Ao se observar as características e a composição da população em situação de rua, pode-se dizer que é um fenômeno multifacetado e multidimensional na coletividade e nas suas individualidades.

<sup>4</sup> Há necessidade de esclarecimento conceitual sobre vulnerabilidade. A Política Nacional de Assistência Social (PNAS), apesar de evoluir em muitos sentidos, não traz uma conceituação de ‘vulnerabilidade social’, nem mesmo de ‘risco social’, de maneira clara. Até apresenta, muitas vezes, os dois conceitos como sinônimos, gerando confusão no seu emprego. A construção da PNAS é edificada a partir de uma visão social de proteção que supõe conhecer os ‘riscos’ e as “vulnerabilidades sociais” a que estão sujeitos os destinatários da Assistência Social (Janczura, 2012:302).

<sup>5</sup> Por exemplo, as Portarias 46 e 47/ 2010/SMADS. A Portaria 46 é também chamada de Portaria Técnica e traz a tipificação da rede de serviços da cidade de São Paulo. Portaria 47 é uma Portaria Financeira; em seu conteúdo traz os valores dos custos dos serviços constantes na Portaria 46.

Esse tipo de auxílio pode ser entendido como ‘intervenções’ empenhadas em atender a cada dia os desafios das demandas heterogêneas de seu público-beneficiário. Nesse caso, referindo-se à população em situação de rua são demandas relacionadas de privações e violações que a própria Política Nacional de Assistência Social (PNAS) descreve, como: perda ou fragilidade de vínculos de afetividade, identidades estigmatizadas em termos étnico, cultural e sexual; desvantagem pessoal resultante de deficiências; exclusão pela pobreza, diferentes formas de violência etc. (Brasil, 2005:23). Sabe-se que é um segmento social que “não se define apenas economicamente, mas social e culturalmente” (Vieira, 1992:21).

Na cidade de São Paulo, de acordo com a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), em 2000, existiam 8.706 pessoas em situação de rua, sendo 5.013 vivendo nas ruas e 3.693 em albergues. Em 2015, a FIPE contou um total de 15.905 indivíduos em situação de rua, sendo 7.335 não estando em abrigos e 8.570 acolhidos em abrigos. A taxa de crescimento anual do total da população de rua no período de 2000-2009 é de 5,14% e a do período 2009-2015 chega a 2,56%. E nos dados do censo 2019 foram contados o total de 24.344 pessoas que estão em situação de rua na cidade de São Paulo. Certamente é uma população que cresce gradativamente.

Diante das elucidações expostas, considerando-se os dados levantados, a cidade de São Paulo concentra esforços para implementar a cada ano serviços específicos para o atendimento da população em situação de rua, como: Serviços Especializados de Abordagem Social (SEAS), Núcleos de Convivências, Centros de Acolhidas (albergues) etc.; um evidente cenário quantitativo de ações que certamente surgem com finalidade de atender a demanda dessa população, mas que, paralelamente, abre oportunidade também para se pensar que o crescimento exponencial desses serviços gera uma questão conflitante, pois desafia a capacidade de atender o problema: a demanda (crescente) da população em situação de rua.

O objetivo deste trabalho não é avaliar o crescimento da população em situação de rua e nem se preocupar com o tipo de serviço ofertado ao público, muito menos analisar a eficiência do atendimento, mas, de fato, direcionar a atenção aos conflitos do cotidiano, àqueles que acontecem dentro do serviço, para percebermos os ‘modos de vida’ da população em situação de rua, através das suas necessidades, expectativas e aspirações. O texto tende-se à definição de estudos franceses notórios, como *Classe et*

*style de vie*, de Bourdieu e de Saint-Martin (1976), *style de vie* traduzido para o português como estilo de vida (Bourdieu, 1983), o que nos leva a compreender enquanto ‘modo de vida’<sup>6</sup>.

Às diferentes posições nos espaços sociais correspondem *style de vie*, sistemas de separações distintivas que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência. As práticas e as propriedades constituem uma expressão sistemática das condições de existência (aquilo mesmo que se denomina um *style de vie*) porque são o produto do mesmo operador prático, o *habitus*, sistema de disposições duráveis e trasladáveis que exprimem sob a forma de preferências sistemáticas as necessidades objetivas das quais ele é o produto (Bourdieu; de Saint Martin, 1976:18).

O *style de vie* é utilizado por Bourdieu como aquele visível nos *habitus* de classe, que exprimem os gostos e preferências dos indivíduos, bem como as suas necessidades objetivas. Portanto, o conceito tem uma especificidade marcante em relação ao ‘modo de vida’. Diante dessa vivência, em que vários indivíduos dividem o mesmo espaço, suas diferenças em vários aspectos, como personalidade, vícios, objetivos, etc., podem se sobressair gerando atritos com os demais usuários, porém a observação desses conflitos na maioria das vezes é importante para apontar “problemas existentes”. Dessa forma, o conflito “revela-se como um instrumento metodológico para pensar as relações entre diversos atores” (Marques, 2007:34). É a partir da sua intensidade que se permite perceber os atores envolvidos, razão por o “conflito ser uma das interações mais vivas” (Simmel, 2011:568).

Assim sendo, passa-se a utilizar, neste artigo, o conflito como instrumento metodológico durante a observação-participante, delimitada dentro de um espaço socioterritorial, uma vez que selecionamos apenas um serviço público como “estudo de caso”. Segundo Becker (1999:117), “o ‘estudo de caso’ supõe que se pode adquirir conhecimento adequado, não o de um indivíduo, quando o caso estudado em ciências sociais, mas sim de uma organização ou comunidade”. Um longo período de observação possibilita compreender o comportamento das pessoas e de grupos e que é necessário observá-los por um longo período e não num único momento (Whyte, 2005).

---

<sup>6</sup> Cf. BRAGA, G. B. et al. 2017. *O conceito de modo de vida: entre traduções, definições e discussões*. SOCIOLOGIAS (UFRGS. IMPRESSO), v. 19, p. 370-396, 2017.

O território aqui pesquisado foi escolhido por critério de oportunidade. Visto que, foi nele que deveria desenvolver as atividades ligada à SMADS. Desta forma, o contato com o público aqui estudado deu-se em primeiro momento por uma dimensão geoespacial, visto que não havia naquele momento a percepção analítica do entrelaçamento entre os indivíduos e os espaços, o que os tornam territórios; percebe-se diversas populações que transitavam nesse território, em diversos momentos do dia ou da noite.

O serviço selecionado para ser observado foi o Espaço de Convivência Bela Vista, conhecido como “Tenda Bela Vista”, localizado no bairro Bela Vista da cidade de São Paulo, cujo serviço tem capacidade de realizar, segundo a Portaria 46/2010/SMADS, 300 atendimentos diários ao público adulto em situação de rua, com idade a partir de 18 anos. Tais experiências descritivas e críticas são partes importantes deste trabalho. Melhor dizendo, é através da observação-participante que se deseja captar o sentido encoberto da ação humana, quando se quer dar atenção especial aos sinais de comunicação não-verbal, como expressões faciais, gestos e posturas, e verbal, como brincadeiras, anedotas sobre o tema e apartes (Haguette, 1982).

Considera-se neste trabalho o conceito de população em situação de rua<sup>7</sup> como: pessoas que não têm moradia fixa, que passam a viver na (e da) rua como seu modo de vida e sobrevivência, mas, em especial, a população em situação de rua que frequenta a Tenda Bela Vista, da mesma forma que convive no Espaço e necessita do seu atendimento. Assim, ciente da observação-participante enquanto método de pesquisa, delimitando a análise apenas em situações que se tornam visíveis pelos conflitos, que podem estar na fala, nos diálogos entre funcionários e usuários, nos atendimentos, nas

---

<sup>7</sup> Cf. alguns conceitos de população em situação de rua: Política Nacional de Inclusão Social da População em Situação de Rua: (...) parcela da população que faz das ruas seu espaço principalmente de sobrevivência e de ordenação de suas identidades. Estas pessoas relacionam-se com a rua (...) (PNISPSR, 2008:3). Segundo o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome: (...) grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (...) (Brasil, decreto 7.053 de 23/12/2009). E a FIPE em 2000: segmento de baixíssima renda que, por contingência temporária ou de forma permanente, pernoita nos logradouros da cidade – praças, calçadas, marquises, jardins, baixos de viadutos – em locais abandonados, terrenos, baldios, mocós, cemitérios e carcaça de veículos. Também são pessoas em situação de rua aqueles que pernoitam em albergues públicos (...).

ocupações dos espaços da Tenda, nos afastamentos entre indivíduos e grupos, nas exigências de regras, como também nos silêncios etc., a proposta deste trabalho é amparada por meio de pesquisas bibliográficas das ciências sociais, dos teóricos que debatem acerca da população em situação de rua como questão social no Brasil.

### **A Tenda Bela Vista**

O procedimento básico a partir de agora é analisar o fenômeno por outro ângulo, com um olhar mais aproximado à população em situação de rua, na finalidade de identificar alguns “nós” conflitantes no modo de vida, a partir do que acontece na Tenda. As Tendões servem de suporte para os demais serviços da rede sócio-assistencial através dos seus atendimentos, como: oficinas, atendimento de assistente social, encaminhamentos para albergues, saúde, trabalho, documentação etc. O serviço funciona todos os dias da semana, e pode ser utilizado tanto para os que vivem pernoitando e/ou que estão em vaga fixa de Centros de Acolhida, bem como aos que estão desprovidos desses benefícios.

Se for observada a descrição comparativa dos dados do censo realizado pela Prefeitura de São Paulo em 2019 da população em situação de rua, compreendendo que foram contados o total de 24.344 pessoas que vivem nas ruas, sendo que 7.593 ocupam e vivem pernoitando nas ruas do **distrito Sé (região central)**, depara-se com o fato de que o Espaço de Convivência Bela Vista, nesse caso a Tenda Bela Vista, estar suscetível a ser uma das mais bem referenciadas da cidade, primeiramente por estar instalada na própria região central, isto é, localização onde se concentra um número significativo de pessoas em situação de rua e que, de certa forma, favorece o acesso diário dessas pessoas a esta Tenda. Segundo a publicação da *Cartilha de Direitos da Pessoa em Situação de Rua*, se reforça que as “Tendas são locais que devem atender as necessidades da população em situação de rua” (Brasil, 2012: 19).

Analisando a PORTARIA 46/2010/SMADS<sup>8</sup> que rege os Espaços de Convivências para Adultos em Situação de Rua (Tenda), verifica-se que pertence à Rede de Proteção

---

<sup>8</sup> A Portaria 46 tem sido alvo de muitas polêmicas. Critica-se que não houve participação efetiva das equipes técnicas na sua elaboração, e mesmo quando foi possível participar com propostas e sugestões, as mesmas não foram ouvidas. Existe a queixa da falta do diálogo com quem trabalha no cotidiano com as demandas, e que os

Especial Média Complexidade, cuja caracterização retrata um serviço ofertado para pessoas adultas que utilizam as ruas como espaço de moradia e sobrevivência. Tem a finalidade de assegurar atendimento com atividades que oportunizem o 'processo de saída das ruas'. Especificamente a Tenda Bela Vista funciona das 08h às 22h, e sua forma de acesso previsto na mesma Portaria acontece com demanda encaminhada pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), rede sócio-assistencial e procura espontânea.

Em seu atendimento oferta-se: banhos com oferta de kit de higiene (toalha, sabonete, escova de dente, creme dental, shampoo, condicionador de cabelo, hastes flexíveis com ponta de algodão, fio dental, desodorante, talco para os pés, barbeadores descartáveis, pentes, fraldas geriátricas e absorventes femininos), atendimento da higienização das roupas dos usuários, em que os mesmos utilizam a Lavanderia do equipamento, com direito aos "varais de chão" e "suspensos", produtos de limpeza como: sabão em barra, sabão em pó e acesso a tanques e máquinas de lavar. Além de tudo, uma programação de TV, com horários diferenciados de filmes, exibidos entre o período das 08h às 19h.

Também existe a presença da equipe técnica (assistentes sociais, orientadores socioeducativos, agentes operacionais/limpeza, equipe administrativa, coordenação e supervisão e profissionais para promoção de oficinas e atividades diárias), destinada ao acolhimento, atendimento, encaminhamentos e 'escuta técnica'. A equipe é composta por quatro assistentes sociais que atuam das 08h às 22h, em horários flexibilizados, levando-se em consideração carga horária de 30 horas semanais para eles. Os demais profissionais possuem escalas de trabalho adequadas ao fluxo de movimento na Tenda.

E mesmo sob o efeito de se restringir a certos limites, começa-se descrevendo que a Tenda Bela Vista se utiliza da infraestrutura de um viaduto (Viaduto Elevado Nove de Julho). Em outras palavras, o teto do serviço Tenda Bela Vista aproveita-se da infraestrutura física do viaduto, e especificamente abaixo dessa estrutura, local em que ocupa o serviço, direciona-se à região da Avenida Nove de Julho, 871, no bairro Bela Vista da cidade de São Paulo.

---

indicadores criados para avaliar a condução dos serviços estão equivocados. Os instrumentos de controle não são eficazes e, por meio deles, não se é possível relatar e avaliar os serviços ao que se refere ao conteúdo e qualidade das ofertas (Ramos, 2012:161).

Figura 1 - Imagem interna da Tenda



Fonte: foto tirada pelo próprio pesquisador, em 26/06/2016

### **A proposta de uma ‘sociabilidade’ na Tenda**

Aqui, abre-se a análise de que o público frequentador da Tenda Bela Vista é chamado de ‘convivente’<sup>9</sup>. Certamente a denominação se dá pela proposta do Espaço enquanto exercício de convivência, cujo objetivo é estimular uma ‘sociabilidade’. Para se compreender melhor a empregabilidade do termo, o conceito é utilizado pela PORTARIA 46/2010/SMADS em que se prevê que a Tenda deve assegurar atendimento com atividades direcionadas e programadas para o desenvolvimento de ‘sociabilidades’, cujas perspectivas são: “a construção de vínculos interpessoais e familiares que oportunizem, subsequentemente, à construção do processo de saída das ruas”.

Na compreensão da análise de Bauman (1997) sobre ‘sociabilidade’, que difere do conceito de ‘socialização’, ambos devem ser compreendidos a partir da interação com a estrutura social, porém se referem a processos distintos. “A socialização (pelo menos na

---

<sup>9</sup> A partir de agora, quando se refere a ‘usuário’ emprega-se às vezes a palavra ‘convivente’.

sociedade moderna) visa a criar um ambiente de ação feito de escolhas passíveis de serem ‘desempenhadas discursivamente’, que se concentra no cálculo racional de ganhos e perdas” (Bauman, 1997:138). O conceito de socialização segue a lógica de uma administração das sociedades com vistas à ordem. Alguns membros da sociologia defenderam essa perspectiva:

De fato, durante toda a era moderna, muitos (a maioria dos) sociólogos, tomando as ideias dos fortes por ideias fortes, e os sedimentos de longa coerção e doutrinação por leis da história, tenderam a se colocar do lado dos administradores e ter empatia com seu interesse guerreiro pelos obstáculos que se levantaram no caminho que leva à harmonia e à ordem (Bauman, 1997:138).

Segundo essa perspectiva, a liberdade de escolha dos indivíduos é restringida; a racionalidade é valorada em detrimento da espontaneidade dos indivíduos. Já a sociabilidade evidencia ausência de um referencial estabelecido e pela impossibilidade de uma presciência relacionada às ações dos indivíduos. “A sociabilidade coloca a unicidade acima da regularidade e o sublime acima do racional, sendo, portanto, em geral avessa às regras, tornando o desempenho das regras problemático e cancelando o sentido instrumental da ação” (Bauman, 1997:138).

E retornando à Portaria, tenderia a pensar que se está diante de uma proposta abstrata e vazia no seu significado, ela nos aponta para um conflito, pois parece uma tentativa de o “homem perder aqui todas as qualificações objetivas de sua personalidade; penetra na forma da sociabilidade equipado apenas com as qualificações, atrações e interesses com que o munuiu a sua pura humanidade” (Moraes Filho, 1983:171).

A tentativa para esse objetivo é planejada através da Grade de Atividades Semestral (GRAS) da Tenda Bela Vista, na qual, na maioria das vezes, consta e nela se descreve: saídas externas (local a ser visitado) com temas a serem trabalhados, reuniões, assembleias, festas comemorativas, palestras, oficinas, atendimento do serviço social, orientação socioeducativa, oportunidades de trabalho, cursos profissionalizantes, possibilidade do “resgate de vínculos” familiares, encaminhamentos para centros de acolhida, aquisição de benefícios (bolsa família, renda cidadã etc.), entre outros.

As atividades programadas na GRAS parecem ser ‘estímulos’ para o exercício proposto e tão almejado pela PORTARIA 46/2010/SMADS como: a ‘saída das ruas’.

Paralelamente, ela ocupa o vazio de uma pretensão, um esforço diário como ‘porta de entrada’ para a ‘saída das ruas’<sup>10</sup>. A gerência da Tenda Bela Vista afirma:

Existem pessoas que estão na rua por opção, porque gostam e amam viver na rua... e é verdade isso, o ‘Adalto’<sup>11</sup> é um exemplo. Ele tem 23 filhos, ele tem seis ex-mulheres, tem casa própria e ele está na rua há 22 anos por opção, pois ele “ama” essa vida. Então, diria que uns 40% estão na rua porque gostam mesmo de viver na rua e se habituaram a esse tipo de vida. Você pode fornecer para eles uma casa com piscina e que eles não vão ficar uma semana lá. A rua é o atrativo que ela quer (Funcionário – Formulário 10).

De fato, está-se diante de uma forte pretensão com a questão da ‘saída das ruas’ por meio da (metodologia da) sociabilidade idealizada. E diferentemente da tentativa de ‘decidir’ e ‘ordenar’ sobre a tal sociabilidade alheia, prefere-se enveredar esta pesquisa para se perceber a sociabilidade a partir de suas dinâmicas de levar a vida em comum, bem como suas relações entre indivíduos e suas expressões através de seus espaços ocupados na Tenda, ou seja, o cotidiano dos conviventes e sua relação com a Tenda Bela Vista.

A perspectiva mais predominante das Ciências Sociais a respeito do desabrigo considerou-o como um estado de retraimento e isolamento social. Há mais de cinquenta anos, o homem da zona marginal era caracterizado como uma ‘pessoa sem casa e sem amigos, isolado de todos os contatos sociais de natureza íntima e pessoal’ (Snow, 1998:282).

Diversos pesquisadores conceituaram a pessoa em situação de rua como o ‘socializado de maneira incompleta’, ‘subsociado’, ‘fundamentalmente distanciado da vida social’ e ‘homens sem vínculos’ (Snow, 1998). Nossas observações de campo não convergem com esse quadro de pessoas em situação de rua, pelo menos não de maneira estereotipada. Pensar sob esse ângulo não é favorável para que sejam reconhecidos os artifícios dos usuários durante sua permanência na Tenda. Distante dessa abordagem se tende conhecer a comunicação, linguagem (gírias), vontades próprias das pessoas, circuitos e pertencimentos institucionais com a Tenda etc. Abre-se a possibilidade de se

---

<sup>10</sup> O retorno à família, em função da retomada de um vínculo, a garantia de um emprego e/ou moradia, o acesso viabilizado à educação, são apenas alguns exemplos do que aqui chamaremos de “saídas para a saída da situação de rua” (Medeiros, 2010:12).

<sup>11</sup> O gerente traz o exemplo de uma pessoa em situação de rua que frequenta assiduamente a Tenda Bela Vista. Mas o nome ‘Adalto’ é fictício.

reconhecerem de imediato suas interações difusas, suas intensidades e mobilizações. Desse modo, descrevem-se algumas tendências na Tenda como:

- Alguns dos conviventes que utilizam a Tenda demandam muito pouco dos benefícios ofertados, pois procuram a reciclagem como modo de sobrevivência. Estes, majoritariamente, não gostam de presenciar brigas e confusões na Tenda. Dizem-se conhecedores de seus direitos (Legais do Estado), mas pouco se utilizam deles;
- Encontram-se também aqueles que sempre são presenciados no meio de confusões e brigas entre eles. Esses são os que procuram e exigem seus direitos e demandam muita atenção para os funcionários da Tenda. Percebe-se que muitos que têm esses comportamentos não respeitam regras, são muito agressivos. Quando criam vínculos com os funcionários, procuram obter algum ganho com isso. Querem tudo imediatamente, e querem todos os benefícios que podem obter, e caso não obtenham algo de acordo com suas intensidades, causam confusão, intrigas e procuram Órgão do Poder Público para denunciar o suposto 'descaso';
- Há outros que tentam mostrar que são mais 'politizados', mas não se interessam por políticas públicas quando são convocados para alguma participação e representação social. Também não participam de oficinas que não ofereçam 'vantagens' como: passeios, lanches, brindes etc. Outros querem usufruir da Tenda somente para adquirirem encaminhamentos para vaga fixa em albergue. Reclamam de receberem apenas pernoite. Há também pessoas que costumam não terminar nada do que começam por conta das recaídas de drogas (substâncias psicoativas);
- Há também aqueles que, quando podem, participam de ocupações, 'invasões' como costumam chamar, não com o interesse de 'moradia digna' e sim para conseguir receber alguma indenização para sair do local. Há também frequentadores da Tenda que reclamam muito de suas famílias, do governo, dos serviços da rede sócio-assistencial. Há os que obtêm recursos oriundos de 'corres' (roubos). Muitos cometem delitos e, quando 'somem' da Tenda, logo chega a notícia que foram presos em flagrante. Passam meses longe e, de repente, aparecem novamente.

Essas descrições se traduzem, resumidamente, na sociabilidade do público frequentador da Tenda Bela Vista, sabendo-se que são relatos que se inclinam para uma parcialidade. Parcialidade que é a própria condição de objetividade, já que “apenas a perspectiva parcial promete visão objetiva” (Haraway, 1995:22). Mas, de todo modo, o cenário parcialmente descrito desconstrói a visão estereotipada sobre as pessoas em situação de rua e perceber que as relações entre as pessoas em situação de rua são impregnadas de uma combinação paradoxal de isolamento e sociabilidade. A vida de rua se caracteriza, num nível, pelo convívio fácil e o rápido estabelecimento de amizades (Snow, 1998).

As relações são estabelecidas com construções hierárquicas, por alguns critérios objetivos como: domínio da linguagem oral, domínio dos códigos de conduta adotado por essa comunidade e outros de dimensões subjetivas, como empatia, capacidade de transitar entre os microgrupos. Cria-se, assim, a/o representante de forma não oficial, porém acolhido e/ou respeitado, quando há necessidade de falar pelo todo, ou de falar para todos, ou dirimir conflitos, organizar atividades. No território, não se observou o conhecimento dos mesmos pelo Movimento Nacional da População de Rua. Quando questionado, eram surpreendidos por saber da existência desta organização. Pensar sob a perspectiva do morador de rua, é fazer contato, em parte, com o cotidiano de faltas. Visto que, a busca pela sobrevivência é um fato cotidiano e as pautas não se mostraram organizadas, talvez a palavra que mais se aproxime ao território do público pesquisado seja “indignação” contra o Estado.

Para aquela observação que indica que as relações sociais nas ruas também tendem a se caracterizar pela superficialidade e instabilidade, para Snow (1998), há diversas razões para essa ambivalência:

O rápido estabelecimento de amizades nas ruas desempenha uma função compensatória, já que os outros indivíduos moradores de rua proporcionam uma das poucas chances de validação social positiva. [...] Os moradores de rua também vacilam entre sentimentos romantizados de proximidade e o desprezo por outros indivíduos moradores rua, vistos como indignos de confiança e exploradores (Snow, 1998:283-288).

Snow completa que as relações interpessoais, quer entre os moradores de rua ou outros, pode variar de diversos modos:

Nas relações entre pares entre os diferentes tipos de moradores de rua, quatro dimensões de variação pareceram particularmente relevantes. A primeira dimensão é o 'período de tempo' das relações, que pode variar de uma hora ou um dia a um período de anos ou mesmo décadas. A segunda dimensão é a 'quantidade' de vínculos que um indivíduo tem. Isso pode variar, obviamente, de poucas ou nenhuma relação a um grande grupo de amigos e conhecidos. A terceira dimensão de contraste é a 'intensidade', o grau de ligação que os indivíduos moradores de rua mostram para com seus pares. A última dimensão é o 'locus da afiliação' no qual as relações estão fundadas (Snow, 1998:292).

Está-se de frente e descrevendo algumas possibilidades que se concentram nas atividades nas quais as pessoas em situação de rua tendem a desenvolver. Importante saber que são características por diferentes padrões de adaptação à vida de rua, mas necessário para se fundamentar sobre como se desenvolvem os processos de sociabilidades deste segmento social.

### **O cotidiano na Tenda: dia após dia**

Como já sabem, a tentativa também é realizar uma observação-participante com o olhar multidimensional, aquilo que acontece dentro de um espaço-territorial, com capacidade de abranger e tratar muitos aspectos, mas, certamente, é uma descrição incompleta diante da complexidade dos fatos observados.

Diferentemente de estudos que afirmam que a população de rua é bastante heterogênea (Vieira, 1992), os críticos baseados em senso comum (comerciantes e moradores) pressupõem que a Tenda Bela Vista seja apenas um local onde se singularizam atendimentos voltados aos 'moradores de rua', compreendendo-se com simplicidade o público-alvo do equipamento, sem se perceber a existência plural e multidimensional de problemática que cada usuário pode apresentar como demanda (necessidades, expectativas e aspirações) à Tenda.

Assim, tanto as demandas que eles apresentam quanto às intervenções aplicadas para os mesmos são (e devem ser) heterogêneas. Se demonstra na PORTARIA 46/2010/SMADS levemente as características do público-alvo:

### Espaço de Convivência para Adultos em Situação de Rua – TENDA

- Caracterização do serviço: Serviço ofertado para pessoas adultas que utilizam as ruas como espaço de moradia e sobrevivência. Tem a finalidade de assegurar atendimento com atividades direcionadas e programadas para o desenvolvimento de sociabilidades, na perspectiva de construção de vínculos interpessoais e familiares, que oportunizem a construção do processo de saída das ruas. O serviço poderá ser realizado em espaços alternativos com estrutura de tendas.
- Usuários: Adultos, de ambos os sexos, em situação de rua, acima de 18 anos acompanhados ou não de filhos.
- Objetivo: Acolher pessoas em situação de rua visando fortalecer o processo de sociabilidade, na perspectiva de construção de vínculos interpessoais, familiares e comunitários com vistas à inserção social.
- Objetivos específicos: Construir o processo de retomada dos vínculos interpessoais, familiares e comunitários; Contribuir para a inclusão das pessoas no sistema de proteção social e nos serviços públicos, conforme a necessidade; Estimular a auto-organização e a socialização através de atividades socioeducativas, culturais e de lazer programadas.
- Funcionamento: Atendimento contínuo, de segunda a segunda das 8 às 22 horas.
- Forma de acesso ao serviço: Demanda encaminhada pelo CRAS, CREAS, rede sócio-assistencial e procura espontânea.
- Unidade: Espaços/locais (próprios, locados ou cedidos) administrados por organizações sem fins econômicos.
- Abrangência: Regional (PORTARIA 46/2010/SMADS).

E distante da pretensão do que orienta a PORTARIA 46/2010/SMADS, dentro da Tenda ‘abre-se oportunidade’ para comportamentos transgressores. Cotidianamente ocorrem diversas práticas ilícitas, pois frequentemente é presenciado problemas com uso de álcool e drogas, além de se utilizar a parede como ‘mictório’ (local de urina),

apesar de terem banheiros disponibilizados. Também utilizam desse local para cozimento de comidas, através de latinhas de álcool. Essa prática acontece exatamente próximo onde se localiza a TV. Mostra-se ser um local extremamente vulnerável, relativamente grande e completamente isolado de tudo, sem nenhuma possibilidade de vigilância ou observação de funcionário do serviço, ao menos que permanentemente o serviço disponha de vigilantes e orientadores socioeducativos o tempo todo no local.

Neste espaço é onde se tem a maior concentração de pessoas, os PcD não conseguem acessar outros espaços por conta das rampas muito inclinadas, espalhadas pelo equipamento. Muitos dos atendidos aproveitam também esse espaço para dormir, pois à noite, por conta do perigo e barulho da região, não conseguem dormir e durante o dia estão exaustos e literalmente 'caindo de sono'. Outros aproveitam esse local para 'repousarem' quando estão sob efeito da abstinência de álcool e crack. Chegam a reunir-se em mais de 100 pessoas.

É necessário pelo menos um monitor permanente neste espaço de altíssima vulnerabilidade, além de tentar mediar as brigas recorrentes por conta das rivalidades de território. Praticamente o tempo todo há disputas por pertences, por (micro) território. Num momento está vazio e em meia hora depois fica completamente lotado. O motivo dessa concentração diária neste local é por conta da programação da TV e por ser um espaço propício de descanso, utilização de drogas e bebida alcoólica etc.

O trabalho de criação de vínculos entre funcionários e conviventes neste espaço sempre se apresentou ser muito difícil, pois muitos dos usuários sentem-se ameaçados. Essas pessoas que se concentram nesse local são pessoas rotativas e frequentadores recém-chegados no serviço.

### **Narrativas 'de um desentendimento' por motivos de 'falta d'água'**

Acontece o desentendimento entre um convivente e o gerente da Tenda, cujo motivo foi a respeito da 'falta d'água', onde o usuário, conhecido como 'Gordo', engendra uma discussão por exigir do gerente para "não deixar faltar mais água", acusando que o transtorno era acarretado pelas instalações precárias da Tenda. O gerente contra-argumenta com ele, dizendo: "sempre faço de tudo para resolver os problemas!", e explicou que "nem sempre a falta d'água é devido à infraestrutura do Espaço, pois

precisava ser analisada a causa, porque em alguns momentos vem faltando água na rua devido a outros problemas de tubulações do entorno do bairro”, afirma o gerente, como, por exemplo, a Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (SABESP) que recorrentemente desenvolvia naquele momento a manutenção nas ruas. Mas o ‘Gordo’ não ‘deu ouvido’ ao argumento do gerente, mantendo-se alterado.

Foi, então, que o usuário ‘Mãozinha’, juntamente com seu ‘amigo de rua’, ‘Pixote’, entraram em defesa do gerente, dizendo que “a falta de água não era culpa do Gerente”. Ainda complementaram, além da manutenção da SABESP, que “vem ocorrendo nas mediações, os outros momentos em que a falta de água acontece devido ao desnível da caixa d’água e dos encanamentos que estão inadequados, pois os canos são finos e seria necessária a colocação de canos mais adequados” (hipótese dos usuários ‘Mãozinha’ e ‘Pixote’, mas aparentemente um argumento bastante técnico).

No entanto, a discussão atinge um nível de agressão e nesse momento o ‘Mãozinha’ e ‘Thiago Gordo’ puxaram faca um para o outro. A tragédia não foi maior porque houve uma mobilização por parte dos vigilantes e de outros usuários que estavam próximos, separando ambos.

Por outro lado, são acontecimentos que forçam o gerente a tomar decisões emergenciais e, às vezes, também por conta própria, que de fato não são atividades que competem à atividade profissional do gerente do Espaço. Como, por exemplo, o gerente, nesse mesmo dia, minutos após a discussão, sobe no telhado acompanhado por ‘Josias’ (supervisor dos vigilantes) para retirar a ‘boia da caixa d’água’ como paliativo para aumentar a queda d’água, e poder encher rapidamente a caixa d’água. A partir daí, percebe-se realmente que o problema de falta d’água era referente à infraestrutura inadequada da Tenda. Apesar desses imprevistos, o gestor do Espaço sempre demonstrou trabalhar com diálogo junto aos conviventes e, com isso, muitos deles passam a confiar no trabalho que ele exerce.

## **O desafio das regras na Tenda Bela Vista**

Durante a observação-participante, nota-se que quase todos os dias de funcionamento da Tenda Bela Vista ocorrem diversas situações de conflitos, refletindo como formas de ameaças de conviventes dirigidas aos funcionários, e que, na maioria

das vezes, essas ameaças são praticadas por muitos deles não aceitarem regras vindas do Serviço.

Analisando a situação, percebe-se que essas agressões contra funcionários são decorrências destes não saberem lidar com pequenas frustrações, ou seja, não sabem receber um simples 'NÃO' a partir de uma regra de convívio estabelecida. É claro que a reação da frustração do convivente, frente ao que se considera como um simples 'NÃO', sintetiza a qualidade do seu modo de vida, seu estilo, disposições e valores de uma visão de mundo. A reação da frustração pode advir das fissuras que parecem demarcar os conviventes que vivem em situação de rua. Tentar se preocupar em entender a visão de mundo do sujeito, para Geertz (1978), torna-se emocionalmente aceitável por se apresentar como imagem de um verdadeiro estado de coisas do qual esse tipo de vida é expressão autêntica.

Pode-se dizer que suas inquietações expressam um cansaço generalizado, como, por exemplo, o cansaço de regras. Um exemplo é quando termina o expediente da Tenda, fechando-se o equipamento às 22h, e alguns conviventes optam por não aceitar encaminhamentos para albergues, visto que os Centros de Acolhida têm muitas regras internas; então, muitos que frequentam a Tenda preferem dormir nas calçadas, principalmente em frente da Tenda Bela Vista.

Talvez, muitas das suas impaciências e intolerâncias respondam às suas díspares necessidades. Outro exemplo que eles alegam e que se tornam recorrentes é o fato de muitos dos conviventes passarem a noite nas marquises, praças e calçadas, visto que não conseguem dormir sossegadamente por conta do perigo e barulho das ruas. Evidentemente que estes aproveitam a Tenda para dormir. Mas, em consequência, ocorrem conflitos com a gestão da Tenda, e que, a princípio, tem de resolver: 'os colchões'. Esses objetos que fazem parte da sobrevivência de pessoas em situação de rua, e pelo fato de carregarem os 'colchões' diariamente consigo e não terem local específico para guardarem quando chegam à Tenda, insistem em fazer uso durante o dia no Espaço de Convivência, infringindo regras estabelecidas.

Logo, encontrar conviventes descansando durante o dia é uma prática comum e não aceitável para o CREAS<sup>12</sup>, pois não está de acordo com a proposta do serviço, uma vez que, como já exposto, a Tenda foi criada com intuito de propiciar atividades socioculturais, escuta social, entre outras atividades que não abarcam o pernoite e/ou 'dormidas' nesses espaços.

Além do ócio por parte de muitos conviventes – que demonstra incomodar diariamente a supervisão do CREAS –, eles também tentam fazer 'cozimentos' de alimentos – mesmo cientes que é proibido dentro do Espaço –, correndo o risco de o serviço ser denunciado aos supervisores da Prefeitura. Outras práticas recorrentes são as insistências em consumir álcool e drogas ilícitas dentro da Tenda, bem como deixar roupas espalhadas pelos espaços da Tenda, também presenciar crianças/adolescentes participando de todo cenário sem o responsável por perto etc., que, na realidade, são situações que confrontam as regras da Tenda e a proposta do serviço.

O uso da 'insistência' é muito forte no seus cotidianos da vida na rua. O trabalho de orientação do serviço é diário e processual. Diariamente são realizadas intervenções por parte dos funcionários a fim de que os conviventes passem a cumprir regras. Em contrapartida, os conviventes intimidam os funcionários em um clima de ameaça, o que culmina em suas oscilações de humores.

Uma das orientações e exigência da Tenda é que os funcionários devem tratar todos que frequentam o equipamento com atenção, respeito, dando respostas adequadas, pois, qualquer detalhe, pode ser mais um motivo para brigas.

Segundo o gerente da Tenda:

Os conviventes não gostam da Tenda na questão de cumprir regras. Eles não gostam de não poderem beber dentro do Espaço, de não poder usar drogas, de não poder às vezes brigar dentro da Tenda...e isso é uma coisa que a gente luta para cada vez eles poderem manter essas regras. Quando eu assumi a Tenda, o uso de droga era muito grande, assim como a bebida. Eu não digo que hoje ainda não exista consumo de bebida e droga dentro do Espaço, mas reduzimos uma média de 90%. Acredito que nesse equipamento nunca chegará a 100% porque não é um convento, não é uma escola militar...e o público que a gente trabalha é o público que a gente vai sempre ter essas ocorrências de pegá-los bebendo escondido nos espaços da Tenda, ocorrência de você entrar no

---

<sup>12</sup> A Tenda Bela Vista é supervisionada pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), em especial o CREAS Pop Bela Vista.

banheiro e encontrá-los usando crack, fumando maconha ou cheirando uma cocaína.... Porque é esse o “público”, e dessa forma não gostam da questão das regras (Funcionário – Formulário 10: s/p).

A Tenda Bela Vista é um serviço que surgiu com a proposta de atender um público em situação de rua, aparentemente específico. Mas, de fato, estes possuem características distintas. Considerando-se suas heterogeneidades, necessita-se de intervenções aplicadas de forma heterogênea, mas o serviço se esgota diante das demandas.

Analisando um dos objetivos da Tenda, percebe-se que o ‘estímulo de sociabilidades’, visando à construção de vínculos interpessoais e familiares que oportunizem a construção do ‘processo de saída das ruas’, estão apenas para atender os interesses de alguns atores externos, cujo objetivo é afastar cada vez mais as subjetividades de cada pessoa em situação de rua. Em todo momento, a sociabilidade (o modo como as interações acontecem) na Tenda mostra-se importante, pois a partir dela se abrem caminhos para conhecermos as demandas (necessidades, expectativas e aspirações) da população em situação de rua, antes de se realizar e/ou se conceber qualquer tipo de intervenção e atividades para eles.

Segundo Snow (1998:288), pessoas em situação de rua expressam emoções ambíguas. Ainda complementa dizendo que: existe um ceticismo que permeia as conversas e relações de rua, considerando quantos dos moradores de rua fazem afirmações exageradas e contam histórias chocantes (Snow, 1998:290). Mas, acredita-se que esse tipo de atitude perpassa também na sociedade em geral, assim como também não se isenta de a possibilidade dessa atitude estar nos funcionários da Tenda.

Existe um fluxo rotativo de usuários da Tenda, o que significa que ela, de alguma forma, atrai os mesmos para suprir alguma necessidade. Como também, um número considerado de conviventes vive assiduamente na Tenda. Um fator que estimula os conviventes retornarem à Tenda, é que a partir de suas atividades, vem contribuindo para a ‘promoção de saúde’ da população em situação de rua. O seu funcionamento, por si só, se torna um mecanismo de ‘fator de proteção’ do sujeito, na perspectiva de ‘redução de danos’.

A estratégia dessa redução acontece na tentativa de cada uma das ações educativas (intervenções pedagógicas) realizadas pelos monitores junto com a equipe

técnica e gerência do Espaço de Convivência, em que se baseiam na transmissão de informações, enfatizadas pela persuasão, e que, em geral, segue um 'modelo' educativo de aprendizado.

Essas intervenções são aplicadas na Tenda de diversas maneiras: também nas programações de TV, na higiene pessoal (banho), nos atendimentos dos assistentes sociais, responsáveis pelos encaminhamentos de vaga de pernoite, refeição, educação etc. E, nesse sentido, quando o público marca presença diária (ou esporádica) na Tenda Bela Vista, segundo demonstra a pesquisa, comprova-se, de alguma forma, que se trata de um equipamento que proporciona sensações de alívio do tédio através dos meios ofertados no local, permitindo ao convivente apenas se distanciar (por algum tempo) dos problemas que tendem os usuários aos 'fatores de riscos', princípio básico do que se entende por 'redução de danos'.

De fato, o conceito 'redução de danos' ultrapassa a "prática que tem como objetivo reduzir consequências adversas decorrentes do consumo de drogas lícitas e ilícitas" (Mesquita, 1994:66), que ainda é fortemente disseminado em vários estudos. Talvez a 'redução de danos' seja a resposta que a Tenda possa dar para a população em situação de rua.

Atribuir atenção ao conflito favoreceu identificar com mais precisão as demandas de atores, a rede de relações que eles mesmos criam, sustentam e compartilham, bem como suas tensões entre o desejo e a realidade, do indivíduo e do coletivo. Foi desse modo que se conseguiu certificar as variações de conflitos na Tenda, no sentido da sua qualidade (em grau negativo e positivo). Mas, pode-se dizer que só foi possível expor suas variáveis porque desenvolveu-se na pesquisa uma "história de um relacionamento pessoal em que o pesquisador procura desfazer as impressões da imagem do 'dominador' a fim de tornar a comunicação ou o encontro possível" (Zaluar, 1997:115), o que de fato está se falando de uma abertura para que se possa realizar, acompanhar e perceber não somente a comunicação, bem como a experiência dessa comunicação que se enaltece majoritariamente em formas de conflitos.

## **Considerações Finais**

A investigação, a qual foi apresentada, referente ao período de 2012 a 2019, tem como base a experiência profissional acumulada, através da rede de serviços de atendimentos socioassistenciais e da população adulta em situação de rua, mais especificamente com a rede da SMADS/Cidade de São Paulo. Portanto, a pesquisa de observação participante teve um longo período de aproximação e foi aqui apresentado um recorte, visto a interdisciplinaridade do tema traçado e a necessidade de uma escrita voltada para um periódico.

O objetivo que norteou o trabalho aqui proposto foi descrever e analisar o modo de vida dessa população, como aqueles visíveis nos *habitus*, que exprimem gestos, bem como suas necessidades objetivas. Para tanto, utilizou-se um longo período de pesquisa por observação-participante, para que se pudesse escrever e analisar.

A investigação apresenta na análise de dados os resultados: 1. A dificuldade do Estado em criar um protocolo menos superficial de informação aos usuários das Tendas; 2. As dificuldades de formas de coexistência; 3. O processo de construção das lideranças da Tenda. Dessa forma, a investigação resultou em responder o seu problema de pesquisa, bem como aprofundar no campo de conhecimento de pessoas em situação de rua.

No decorrer da Etnografia várias outras possibilidades para investigações vieram como desdobramentos. Assim, sugerimos que futuras pesquisas possam abordar o tema com o recorte dos seguintes aspectos: 1. A história de vida dos indivíduos em condições de situação de rua, as relações de dádiva; 2. As relações conjugais e afetivas desse público e 3. Quais os fatores econômicos que os levaram a serem pessoas em situação de rua e como pensar sanidade mental, invisibilidade, estigma a esse público?

### **Referências Bibliográficas**

BAUMAN, Z. 1997. *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus.

BECKER, H. S. 1999. *Métodos de pesquisas em ciências sociais*. Tradução: Marco Estevão, Renato Aguiar. São Paulo: Hucitec.

BOURDIEU, P. 1983. *Gostos de classe e estilos de vida*. São Paulo: Ártica.

BOURDIEU, P.; DE SAINT MARTIN, M. 1976. *"Anatomie du gout"*. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 2(5):2-81.

BRAGA, G. B. et al. 2017. *O conceito de modo de vida: entre traduções, definições e discussões*. *SOCIOLOGIAS (UFRGS. IMPRESSO)*, v. 19:370-396.

BRASIL. 2005. *Política Nacional de Assistência Social (PNAS)*. Brasília.

BRASIL. 2008. *Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua*. Brasília.

BRASIL. 2009. *Decreto n° 7.053/2009*. Brasília.

BRASIL. 2012. *CARTILHA: Direitos da Pessoa em Situação de Rua*. Brasília.

BRASIL. 2015. "IBGE. Censo Demográfico 2015". *Características da população e dos domicílios: resultados do universo*. (Acesso em 01/03/2016.)

CORDEIRO, D. B. A. 2018. *Política de Assistência Social da cidade de São Paulo comparada com as expectativas e necessidades do público-beneficiário da 'Tenda Bela Vista'*. *Revista CARIBEÑA DE CIENCIAS SOCIALES*.

FIPE (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas). 2000. *Levantamento censitário e a caracterização sócio-econômica da população moradora de rua na cidade de São Paulo*. São Paulo: Universidade de São Paulo.

FIPE. 2010. *Principais resultados do perfil socioeconômico da população de moradores de rua da área central da cidade de São Paulo*. Faculdade de Economia, Administração da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.

FIPE. 2015. *Censo da população em situação de rua da cidade de São Paulo, 2015*. Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.

GEERTZ, C. 1978. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores

HAGUETTE, T.M.F. 1982. "Metodologias Qualitativas". In: *Metodologias Qualitativas em Sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

HARAWAY, D. 1995. "Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial". In: *Cadernos Pagu* (5):07-41.

JANCZURA, Rosane. 2012. *Risco ou vulnerabilidade social?*. *Textos & Contextos* (Porto Alegre), v.11(2):301-308.

MARQUES, Ana Claudia (org.). 2007. *Conflitos, política e relações pessoais*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará/Funcap/CNPq-Pronex; Campinas: Pontes Editores.

MARTINS, José de Souza. 1997. *Exclusão Social e a Nova Desigualdade*. São Paulo: Paulus

MEDEIROS, A. 2010. *Pessoas em Situação de Rua: A Saída para a Saída: Um estudo sobre pessoas que saíram da rua*. São Paulo, Doutorado em Serviço Social. São Paulo: PUC.

MESQUITA, F. [et al.]. 1994. *Drogas e Aids: estratégias de redução de danos*. São Paulo: Editora Hucitec.

MORAES FILHO, Evaristo de. (1858-1918). 1983. *Georg Simmel: sociologia*. Organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho; [tradução de Carlos Alberto Pavanelli...et al.]. São Paulo: Ática.

RAMOS, Ana Marcia Fornaziero. 2012. *Potencialidades e desafios nas parcerias entre a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social e as entidades sociais na cidade de São Paulo: um estudo dos serviços voltados à população em situação de rua*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC.

ROSA, C. M. M. 2005. *Vidas de rua, destinos de muitos*. São Paulo, Hucitec/Associação Rede Rua, (Estudos Brasileiros, nº 37).

SÃO PAULO (Município). Prefeitura de São Paulo (Assistência Social). *Portaria 46/2010/SMADS. Dispõe sobre a tipificação da rede socioassistencial do município de São Paulo e a regulação de parceria operada por meio de convênios*.

SÃO PAULO (Município), *SMADS (2010) Portaria nº46/SMADS/GAB De 23/12/2010*.

SÃO PAULO (Município), *SMADS (2010) Portaria nº47/SMADS/GAB De 23/12/2010*.

SÃO PAULO (Município). 2019. *Pesquisa Censitária da População em Situação de Rua de São Paulo*.

SIMMEL, Georg. (1858-1918). 2011. *O conflito como sociação*. (Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury). In: RBSE – Revista BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA DA EMOÇÃO, v. 10(3):568-573.

SNOW, David A. 1998. *Desafortunados: um estudo sobre o povo da rua*. David A. Snow, Leon Anderson; tradução de Sandra Vasconcelos. Petrópolis: Vozes.

VIEIRA, M. A. C. et al. 1992. *População de rua: quem é, como vive, como é vista*. São Paulo: Hucitec.

WHYTE, William Foote. 2005. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ZALUAR, A. 1997. “Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas”. In: *A aventura antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e terra.